

Grito e escuta na cidade dos loucos: ainda nos interrogam?

Shout and listening in a city of madmen: do they still wonder?

<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2014v48n2p224>

Tania Mara Galli Fonseca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil

Nossa pesquisa ensina a escutar mortos e velhos papéis. Em 19 anos acumulamos mais de 100.000 pinturas e bordados produzidos por pacientes psiquiátricos crônicos. Alguns já mortos, outros frágeis, eles nos direcionam para esta estranha força de criação e resistência. O babélico acervo artístico, enquanto passa pela catalogação, se constitui em arquivo visível e invisível. Unificado e classificado, torna-se um suporte disponível para pesquisas. Seu maior valor é poder reunir signos, contraindo características opostas – como instituidor e conservador. Um arquivo não encerra o passado arquivável: corresponde a uma promessa no futuro. Uma cançãozinha provinda de vidas minúsculas e desoladas pode ser ouvida ali. Escutamos o grito destas vidas abatidas pela infâmia da loucura, regidas pelo delírio e queimadas pela razão. Na impotência, elas resistem pela criação, e trabalham pelo que *pode ainda ser*. Forçam-nos a pensar no agenciamento psiquiátrico - revelando seus efeitos -, como seqüestro social e cassação de direitos civis e da alegria de viver.

Our research teaches us to listen to dead and old papers. In 19 years we have accumulated more than 100,000 paintings and embroidery produced by chronic psychiatric patients. Some are dead, others fragile, they direct us to this strange force of creation and resistance. The Babel art collection, as it passes by cataloging, constitutes a visible and invisible file. Unified and classified, it is an available support for research. Its greatest value is to gather signs by contracting opposite characteristics - as founder and conservative. A file does not contain an archivable past: it corresponds to a promise in the future. A little song stemmed from tiny, desolate lives, can be heard there. We hear the cry of these lives slaughtered by the infamy of madness, governed by delirium and burned by reason. In their impotence, they resist by creation, and work for what may still be. They force us to think in psychiatric agency - revealing its effects - such as social kidnapping and cassation of civil rights and the joy of living.

Palavras-chave: Arquivo – Criação - Loucura.

Keywords: Archive - Creation - Madness.

As torneiras de sua casa sofrem avarias. Umaz vazam outras emperram. Você chama o hidráulico para o conserto. Verifica-se, na inspeção, controles impotentes, canos entupidos pela ferrugem que, insidiosa, vedou as aberturas e entranhou-se, ali, como obstáculo à passagem do fluido. Apenas pequenos veios abertos restaram na tubulação. Despencam-se e substituem-se canos, torneiras e registros para que tudo retorne à ordem. Você, então, pode pensar: que tempo invisível é este que transmuta em entupimento aquilo que foi feito para escorrer e lavar? Que faces pode adquirir a matéria ferro quando em longo encontro com a água? Que pode a água diante do ferro? (Fonte?)

Nosso pensamento

Em nosso pensamento, há ainda um outro lugar, em que ferro e água celebram estranhas núpcias. Trata-se de um país profundo, feito de gestos que se proliferam em câmera lenta, tentativas de uma construção titubeante após a catástrofe. Alimenta-se da erosão, mas, como viremos a saber, resiste frente ao que lhe é adverso, entrega-se a serviço de um si que não cabe em explicações e que se coloca em busca de um eterno retorno ao sentido. Adormecidos de sua insônia, esquecidos de sua história, alguns desses seres flutuadores exercem, contudo, uma função autoral: transformam a infâmia que se abateu sobre sua existência em outros possíveis. Quando andamos nos pátios e edifícios do palácio da loucura, construídos pela reta razão, podemos identificar faixas paralelas do tempo no tempo de dois trilhos.

Como formula Bruno Schulz (1994), aqueles acontecimentos não podem ser enfileirados num tempo ordenado, dispostos em seqüência como numa fila em que chegaram tarde demais, quando o tempo já tinha sido distribuído, dividido, desmontado e que, agora, ficaram no ar. Quando nos equilibramos sobre os trilhos do tempo em desconhecidos livros de registro, nosso olhar torna-se escuta a ouvir o ranger de antigas canetas. Naquela escrita, vidas foram traçadas. Impiedoso, o arquivo de registros oficiais, escrito por anônimos, parece subtraí-las para sempre de uma possível apresentação. Com certeza, para a maioria dos sujeitos internados, esses lacônicos registros, enquanto marcavam os sujeitos com o selo da infâmia, também traziam a certeza de terem se constituído no único rastro de sua existência. Guardam curiosas histórias, testemunham secretas práticas, denunciam costumes sociais: expulsar a alteridade indigna de existir e de conviver. A coleção de álbuns, instalada nas vitrines do memorial da loucura, nos aparece como um livro da contabilidade do juízo.

Nada passou despercebido aos seus escrivães. Não sabiam eles, que seus escritos tornar-se-iam um inapagável relato dos enlaces entre ciência e moral. Assim, ao examinar a colossal coleção de álbuns de selos infames, algo diferente acontece em nós. Gostaríamos de ir em busca do perdido mundo incontável. Ir além e também aquém das contabilidades fiscalizantes. Adoraríamos nos ultrapassar, para vir a nos encontrar fora dos trilhos da história. Tomaremos, pois, um desvio cego e decidiremos andar fora dos trilhos daquele tempo parado e mumificado da vitrine museológica, de onde ainda podemos ouvir e ver disparos e relâmpagos. Procuraremos produzir, ao menos, um mínimo território, no qual se secam as palavras e as injúrias, para conceder um solo aos habitantes errantes. De seu além, nada poderão dizer ou usufruir, mas nós, através da sua tragédia, iremos em busca de outro mundo do mundo; sonharemos, enfim, com uma ilha deserta da história do homem. Ela própria seria

tão-somente o sonho do homem e o homem a sua pura consciência (DELEUZE, 2006). Nela, a geografia se coligaria ao imaginário: presença-ausência de seres amnésicos que ali se situam além de sua precedência carnal e histórica que continuam a existir como despossuídos e sem qualidades.

Pensaremos que tal lugar da imaginação deveria, entretanto, continuar para sempre inabitado. Não poderá jamais ser tomado pelo homem e por suas verdades ilusórias. Deve funcionar como respiradouro, como um não-lugar, lugar de todos e de ninguém, lugar coletivo, sede de possíveis utopias. Nele se cruzariam versões de toda a espécie, haveria sempre um vazio e um silêncio para recebê-las e fazê-las circular, lugar sem ocupantes, ocupantes sem lugar. Talvez, daqui, se tornasse possível colocar fora do jogo vidas minúsculas, até então exclusivamente marcadas por palavras que as subordinaram a fins práticos e corriqueiros, com função meramente designativa. E, a seguir, talvez, então, nos seria possível a experiência de apresentar o mundo ao invés de representá-lo. Fundar, como afirma Blanchot (1984), “o outro dos mundos”, que não se refere a um mundo inexistente, mas sim aquele que é evocado em seu esplendor e realidade plena e que, por ter se tornado possível avisaria à linguagem da sua insuficiência frente à vida. Far-nos-ia também sair da dialética, repensar as noções de sujeito e de história, verdade e origem. Tratar-se-ia de um esforço para realização de uma irrealizada história, a qual só se efetuaría pela negação de todas as suas realidades particulares, por sua negação e, ao mesmo tempo, pela afirmação da mesma negação.

Essa afirmação pela ausência nos levaria a um fora da linguagem corrente, constituiria a condição de uma obra feita pelo “desobramento” das palavras, sendo, enfim, o que nos permitiria chamá-la de “experiência do *Fora*” que encenaria todos aqueles atos de *escrileitura* que viríamos a empreender em nossa saga pelos caminhos do arquivo de vidas e obras com o qual estamos implicados. No arquivo, deveremos anular o tempo, neutralizá-lo, dissolver-lhe a história, desbaratar-lhe as verdades, abolir-lhe os sujeitos, fazer soçobrar sua ordem para jogar um pouco de estranhamento e de insólito no mundo enfileirado. Esse, contudo, não desapareceria: desdobrar-se-ia no outro dos mundos, exteriorizado de suas profundezas, colocado em relação com o *Fora*, possuindo outra versão, constituída de devires, espaço do deserto, do exílio e da errância.

Desde esse modo de pensar, seria, então, possível retomar os álbuns de selos contidos nas vitrines dos portfólios da loucura. Eles seriam lidos de cabeça para baixo, e também em diagonal e nas entrelinhas, em partes e fragmentos, enfim, de modos e posições que poderiam suspender o presente e restituir ao passado aquilo que ainda nele permanece como grito abafado. No não-lugar, sem nomes ou distinções, na imaginada ilha-imaginária repleta de virtuais,

desejaríamos ser capazes de nos fazer praticantes de revirações do passado em futuro e de escrever a história a contrapelo. Tratar-se-ia, então, de fazer nascer uma segunda origem, um recomeço? De dar, enfim, uma segunda chance para a apreciação da vida? Neste ponto, escutamos o que nos diz Deleuze (2006, p. 22): “Não basta que tudo comece, é preciso que tudo se repita uma vez encerrado o ciclo das combinações possíveis”, e isto nos auxilia a deter nossa arca do dilúvio.

Assim, na sequência de nossa navegação, vamos fazê-la pousar na única porção que acreditamos não se encontrar totalmente submersa no país profundo em que estamos circulando: na ilha-deserta do *Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre*. Este espaço-tempo que existe perto de nós, é vizinho das outroras encasteladas. Devemos problematizá-lo, pois.

O mal de arquivo

Vemos ainda fazer brilhar o esplendor de vidas condenadas e fora da língua maior. Colocar-nos-íamos, pela nova geografia desviante, em busca do homem perdido, a nos abraçar com aquele monte de desenhos e pinturas suportados por mais de cem mil velhos papéis reutilizados. Qual valor, para a vida, poderia se desprender daquele aparente lixo, acumulado por cerca de 19 anos num sótão cujas portas rangem e o vento nos corta quando passa pelas janelas sem vidros? Poder-se-ia observá-lo como transgressões que abalam as verdades instituídas e nas quais desaparecem as dicotomias e contradições entre interior e exterior, realidade e imaginário.

Ali, formara-se uma pequena multidão de técnicos, profissionais e estudantes que, movente em sua composição, ia e vinha e virá; assim, os anos correm céleres através de cada manhã. Foram tantas as produções brotadas daqueles instantes que os anjos ajuizados que acompanhavam sua feitura resolveram fundar um domicílio, um espaço de depósito, no qual se podia ver nascer um arquivo informe. Neste, transmutava-se o privado em público e tornava-se possível reunir os signos enlouquecidos em um único lugar.

Das precárias instalações, arranjadas em uma espécie de sótão que outrora havia servido de enfermaria e local de cirurgias, aproveitaram-se longas mesas metálicas e velhas macas. Estantes desengonçadas serviram também de apoio aos magotes de papéis que continham os estranhos desenhos e pinturas. Eram enroladas em séries de tiragem diária. Assim, enrolados para dentro de si mesmos, com as costas voltadas para fora, os papéis desse arquivo informe ficaram por muito tempo. Como folhas soltas de um grande livro despedaçado, misturava nomes e datas e sua vista era embrulhada e confusa.

Alguns foram chamados e outros se autoconvocaram para o enfrentamento com aquele caos de papel. Deu-se início à classificação por nomes e datas, e as obras começaram a ser distribuídas, divididas e empacotadas por autor e data e recebiam, no invólucro pardo, uma inscrição frontal que as identificava. O arquivo tomava forma e passava a ocupar os trilhos do tempo cronológico. Foram necessários anos até que o espaço ficasse tomado pelas grandes pilhas de papel pardo. Muitos catalogadores vieram, ficaram um pouco e desistiram quando sentiram os ardores da tarefa. Outros ficam até agora e se entranham nas paredes. Constituem, então, outras segmentações, formulam novas classificações, remanejam as pilhas de suas antigas posições, compõem uma paisagem de aléias por onde circulam, seguros, sendo capazes de apontar, dentre as enfileiradas pilhas quietas e mudas, onde se encontram as obras deste ou daquele que se lhes pergunte. Erigem uma arquitetura contra o esquecimento.

É através da observação dessa interminável lida arquivística que vamos encontrar, no próprio arquivo, motivos para novas problematizações. Partimos do ponto que o espaço do arquivo não é apenas um lugar de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável passado. Nele entranha-se aquilo que Derrida chama “mal de arquivo” e que o faz trabalhar contra si próprio. Convocação silenciosa, este mal - de origem pulsional anárquica - como definido por Derrida (2001, p. 21) - “destrói seu próprio arquivo antecipadamente, como se ali estivesse, na verdade, a motivação mesma de seu movimento característico”. Tal pulsão de morte e destruição não deixa monumentos e documentos como um legado que lhe seja próprio. Não possibilitará ao arquivo ser a memória nem a anamnese em sua experiência espontânea, viva e interior. Hipomnésico, este arquivo trabalha contra si mesmo, sendo, paradoxalmente, conservador e instituidor, tradicional e revolucionário. Criado como um suporte exterior à memória interior e espontânea, o arquivo torna possível instituir, como acontecimento, aquilo que é arquivável. Ele nos mostra que não haveria desejo de arquivo não fossem a finitude e o esquecimento daquilo que se quer arquivar; não fosse, enfim, a ameaça de sua destruição. Com Derrida ainda escutamos: “Ora, esta ameaça é in-finita: ela varre a lógica da finitude e os simples limites factuais, a estética transcendental, ou seja, as condições espaço-temporais da conservação” (2001, p. 32).

O mal de arquivo implica, pois, o in-finito, tudo o que está por vir, sua abertura para o futuro sem a qual não haveria, para o arquivo, nenhum desejo ou possibilidade. Mais do que uma coisa relativa ao passado, “o arquivo deveria *pôr em questão* a chegada do futuro” (Ibid., p.48). Trata-se de uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para o amanhã. Fazendo-se *Um*, o arquivo compõe-se de uma estrutura espectral: nem presente nem ausente em carne-e-osso, nem visível nem invisível; torna-se uma casa

assombrada na qual sempre há lugar para a verdade do delírio e da loucura trancafiada sob sete chaves. Verdade que, mesmo recalçada, retorna como verdade espectral, fantasmática e irreduzível à explicação. Para acessar seu feitio espectral, temos de falar uma língua própria, pois não se fala com fantasmas em qualquer língua. O rastro do fantasma está ali, mas tudo o que ele faz para nós é abrir portas atrás de portas, desconstruindo sua aparência de substituto deformado daquela primeira/última verdade que ainda respira no coração de seu delírio.

Nesse momento, os decifradores do arquivo já devem ter compreendido a importância em conciliar certo espiritismo com a razão. Já se defrontam com as reservas e esquivas trazidas pelo problema da tradução; já sentem que os documentos, desde sua singularidade insubstituível, se ofertam e se furtam, abrem-se e subtraem-se às leituras fáceis e interpretativas. Os leitores do arquivo sofrem do “mal de arquivo”. Vivem agoniados com aquilo que os atrai mas que não podem dominar. Seu mal, contudo, pode significar outra coisa do que sofrer de um mal, no sentido comum. Nas palavras de Derrida: “É arder de paixão. E não ter sossego. É incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde” (2001, p.118).

Não estariam tais leitores - acometidos pelo “mal de arquivo” -, também a experienciar o *Fora*, buscando sem cessar a presença de algo que insiste em se ausentar? Nós os percebemos como Ricardo Piglia (2006) pensou o seu “último leitor”, ou seja, aquele leitor essencial que empenha sua alma na tarefa de decifrar as páginas desfolhadas do colossal livro da desrazão. Escutam desprender-se das pilhas empacotadas, um constante murmúrio como se uma inquietude venha pedir-lhes passagem, utilizando seus corpos sensíveis para sair de sua quase-causa profunda, transformando-se, então, em efeito de superfície e enunciação que pode ser falada. Um elemento inarquivável e anárquico pula dali, para agarrar-se a uma possível, ainda que frágil, existência. Um elemento pulador é atraído por aquele que observa e, em sua natureza de quase-causa, não pode tudo sozinho. Necessita afetar outra natureza que, mesmo lhe sendo heterogênea, carrega algo que lhes é comum. Necessita de uma relação de intimidade para que possa agir. Os leitores são tomados de arrepios quando isso lhes acontece. Parecem ter nas mãos, aquilo que Maurice Blanchot aponta em seu “*O livro por vir*”: um porvir, um “ainda não” que marca a impossibilidade da linguagem em deixar-nos cadastrar o mundo através de palavras. É Blanchot quem nos diz: “O deserto é esse fora onde não se pode permanecer, pois estar aí é sempre já estar fora” (1984, p.88).

Assim, nesses termos, ao mesmo tempo em que podemos pensar o arquivo como um espaço literário, uma vez que ele contém, como descreve Blanchot (1997, p. 317), “a perseverança das coisas depois que o mundo

desapareceu, a teimosia que resta quando tudo desaparece e o estupor do que aparece quando não há nada”, também podemos pensar seus “últimos leitores” como errantes e exilados, como descrito por Salem Levy (2003, p. 34), “que se deixam levar pelo imprevisível de um espaço sem lugar, pelo inesperado de uma palavra que não começou, de um livro que está ainda e sempre por vir”.

O arquivo como o lugar de exílio, não-lugar, deserto-do-mundo e do sujeito - lugar em que o *eu* transforma-se em *ele*, lugar do impessoal, do outro -, este desconhecido e errante que libertou sua interioridade, que se fez superfície e tornou-se a própria ausência e que, por sua voz, possibilita um discurso sem autor, discurso de todos e de ninguém. Escrever, pois, desde esse lugar, supõe que os leitores tenham se deixado levar para além de si mesmos, para um fora-de-si e que tenham feito de sua leitura uma escrita não sobre o mundo, mas com o mundo e que, em sua enunciação, não houvesse busca de sentido para uma unificação pessoal ou para a cura de suas neuroses. Nada teria a ver com suas lembranças, e tudo emanaria de visões, audições, devires e potências que circulam no *Fora*. Morre o autor, no sentido de um eu pessoal, nasce um anonimato informe e obstinado que tira o poder de dizer “Eu”, um plural da própria palavra e que, como diz Foucault (2001), abre caminho para a linguagem como escoamento do *Fora*.

A esrileitura de um mundo incontável

Acreditamos que desse outro modo de *esrileitura*, do qual se produz uma ontologia, também se desprende uma ética e uma estética que suportam uma nova maneira de relação com o real, restabelecem o vínculo do homem com o outro do homem. Modo de ler, modo de escrever e de enunciar como experiência do *Fora*, como despersonalização do sujeito que, em seus atos de criação e resistência, age contra a história, contra os saberes e os poderes que a sustentam como infâmia e injúria, como o intolerável.

O arquivo do desvio transforma-se em labirinto, e seus leitores aprendem a ler por linhas tortas e nas lacunas. Não se mostram preocupados em selar ou carimbar com rótulos aquela escritura. Tampouco buscam encaixá-la na gramática do conhecimento arbitrado. Assumem sua ignorância diante do que veem nascer, agem como os famintos e sedentos que, quando têm em mãos uma fruta que não acabou de amadurecer, a afagam e aquecem - e mesmo a apertam suavemente entre os dedos - para fazer movimentar seus sumos e trazê-los à superfície. Não se trata, então, de ir à profundidade. Todo o artifício consiste em produzir superfície, um plano comum que sustente as vidas errantes de todos.

Um modo que não procura sentido, mas que se deixa levar pelos signos que insistem em brotar e se repetir. Os arquivistas *escredutores* encontram-se com tais vidas e suas obras no *Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro* e, nessa ilha-deserta, como náufragos, tornam-se pesquisadores-leitores-decifradores-ressuscitadores navegantes da massa daqueles dos papéis-vidas. O *Acervo de Obras* torna-se, então, o sótão silencioso de murmúrios dos instantes que essas vidas tiveram oportunidade de expressão. Os leitores, diante dessa imagem, podem, então, também se perguntar: em que sentido?; sentem que não há como não se deixarem arrastar pelas subterrâneas correntes de silêncio daquele plano sem precipitações abruptas. Ali, um tesouro conspira em direção ao sussurro e ao ainda por vir. Nessa coleção de indícios, têm de afinar o ouvido e conversar em voz baixa sob pena de prejudicarem as ressurreições. Sabem que se encontram em um não-lugar que, entretanto, se tornou um lugar para aqueles que não tiveram sequer um digno lugar na existência e que, como natimortos, jazem inertes à espera que sejam tocados para receberem o lugar do sentido.

Os leitores surpreendem-se quando os sentem ainda quentes, após tantos anos de terem sido feitos, quando percebem que aquilo de aparência antiga, velha e decaída, feito por já mortos, parece investir-se de uma saúde que salta e age como a melhor das medicinas e das psicologias. Neles, fixou-se um gesto que ultrapassa a bizarra dinâmica de seus autores e se torna indiferente vir a saber quem falou e quem disse. Considera-se mesmo ser preciso alcançar um certo apagamento do indivíduo de carne e osso para ficar com seu sopro. Então, os leitores também compreendem que o depósito de obras é, enfim, um depósito de vestígios e que a operação enunciativa de traduzi-los somente será possível quando ocuparem o lugar de um morto, quando afirmarem sua própria ausência diante daquilo que se ausenta, mas que pode devir presença.

Entendem que se encontram em um mundo diferente que os força a pensar de outra maneira e podem, então, escutar Cecília Meireles a lhes dizer o poema:

Escreverás meu nome com todas as letras,/ Com todas as datas./
- e não serei eu./ Repetirás o que me ouviste,/ (...) - e continuarei ausente./ Somos uma difícil unidade./ De muitos instantes mínimos./ -isso seria eu (1976) p. 173).

Um manifesto, ou ao menos o tom de um, antes de concluir

Teriam, os tais escritores/pintores-produtores-das-obras possibilidade de se saberem testemunhas de uma longa história, da qual transformaram-se em planos de inscrição do biopoder dominante? Como sobreviventes de uma

guerra, posicionam-se como transgressores de uma ordem contínua e estabelecida. Buscam mostrar que o mundo é incontável, apesar das forças que querem unificá-lo e fechá-lo. Tudo o que oferecem força ao embaralhamento da visão e apresenta-se como expressão do momento em que a vida se traduz na arte e arte se produz da vida.

Desde esta perspectiva, de nosso ponto de vista, torna-se artista aquele que trabalha na direção de um “pode ser”, na atualização das virtualidades imanentes ao seu próprio território existencial, o qual se transmuta por seu ato criador e por suas possíveis proliferações. Consideramos que essa produção artística, criada no próprio seio daquilo que a pode aprisionar, é dotada de um caráter de resistência ativa que a torna peculiar, ética e politicamente significativa. Trata-se de uma produção relevante, tanto por sua extensão quanto por seus significados, podendo ser tomada como um breve clarão que testemunha a existência de homens e mulheres, os quais, apesar da impotência de suas existências, resistem em sua vontade de expressão e de relação viva com a realidade.

Como já foi dito, suas obras constituem o *Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro* que consideramos um arquivo da memória social e que, ao ultrapassar o sentido de indícios registrados de biografias individuais, torna-se documentação que nos remete à necessidade de fazer a história do nosso presente, retomando os liames rompidos dos diálogos entre loucura e razão, cultura, ciência e vida. Não nos interessa tomar as obras de arte para desentranhar-lhes possíveis interpretações inconscientes que viriam a auxiliar em processos terapêuticos.

Agora que estamos conectados a esse país e à sua (p)ilha deserta, podemos sentir a existência de dois mundos em tensão, como faces de uma mesma moeda. Razão/ desrazão, poder / impoder, dentro/ fora emergem como tendência de um perverso ritmo binário cuja aberrante monotonia e falta de invenção coloca-se a serviço de aberrações por ele mesmo produzidas. Gostaríamos de nos dedicar a estabelecer a conjunção e+e+e entre os termos para que se nos torne difícil, e mesmo impossível, problematizar onde efetivamente se localizam cada um dos termos que compõem esse estado de coisas em suspensão. Seria certo supor, até mesmo, que tal atribuição individualizada e hierarquizada de predicados, corresponderia a uma tentativa inútil e a um falso caminho para o pensamento. Tudo o que podemos saber, nesse momento, é que sendo indissociáveis, cada termo gera o outro e que não há uma essência natural que lhes garanta independência.

Murmúrios impessoais. A quem pertencem esses corpos, encurvados e com pés desnudos, cuja visão nos aproxima de anjos caídos? Quem são esses

seres que, sobreviventes de uma catástrofe, erigem seu testemunho de um modo estético, fazem falar mais além das palavras e das imagens, convertem suas dores em possibilidade de arte? Anjos caídos que “conservam seu *pathos*, uma dignidade e um singular glamour” (BLOOM, 2008, 22), fundam-se exatamente na invenção do humano, para nos remeter a algo que perdemos e que temos o potencial de nos tornar de novo. Desta perspectiva, todos nós somos, pois, anjos caídos, desterrados que fomos do paraíso.

Referências

- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Lisboa: Relógio d'Água, 1984. 385 p.
- _____. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 330 p.
- BLOOM, Harold. **Anjos caídos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. 83 p.
- DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta**. São Paulo: Iluminuras, 2006. 219 p.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**. Uma impressão Freudiana. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. 130 p.
- FOUCAULT, Michel. **Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Coleção Ditos e Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 432 p.
- LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do Fora**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003. 132 p.
- MEIRELES, Cecília. **Poesias Completas**. V.7 Poemas I, II. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. 191 p.
- PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 186 p.
- SCHULZ, Bruno. **Sanatório**. Rio de Janeiro: Imago, 1994. 230 p.

Submissão em: 03/11/2014

Revisão em: 05/12/2014

Aceite em: 09/12/2014

Tania Mara Galli Fonseca é psicóloga, professora titular do Instituto de Psicologia da UFRGS, professora dos programas de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional e de Informática na Educação/UFRGS, coordenadora da equipe de pesquisa e extensão/UFRGS do Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, coordenadora do grupo de pesquisas e do diretório CNPQ Corpo, Arte e Clínica (www.ufrgs.br/corpoarteclinica). Endereço para correspondência: Rua Campos Salles, 262. Bairro Boa Vista-Porto Alegre/RS. CEP: 90480-030.

E-mail: tfonseca@via-rs.net